**XVII DOMINGO COMUM 2021**

****

**GUIÃO INSPIRADO NAS SUGESTÕES PARA ESTE DIA**

**DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, FAMÍLIA E VIDA**

**I. RITOS INICIAIS**

**Procissão de entrada** – incluir avós e netos **| Cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial**

P.A beleza desta assembleia é mesmo esta diversidade dos muitos membros do único Corpo de Cristo, que é a Igreja. Deste único Corpo fazem parte as crianças, os jovens, os adultos e os anciãos, os que estão no “ativo” e os “reformados”, os sãos e os doentes, os santos e os pecadores. Estamos todos unidos e reunidos pela mesma fé e pelo mesmo Batismo, à volta da mesa, onde Jesus parte o Pão da Vida e Se reparte em doação por nós. E, neste último domingo de julho, celebramos, pela primeira vez, o *Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*. Também este Dia, a marcar o Ano *Família Amoris laetitia*, nos ajuda a entender que todos, mais novos e mais velhos, pais e filhos, avós e netos, sendo de sangue diverso, sentimos correr nas veias a mesma seiva do Espírito Santo, que dá aos mais novos a força e aos mais velhos a sabedoria. Preparemos o nosso coração para esta Eucaristia, para esta ação de louvor ao Senhor, que está connosco todos os dias.

***Kyrie***

P. Pelas nossas faltas de humildade, mansidão e paciência, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Pelas nossas faltas de unidade, de caridade e de paz, Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Pelas nossas faltas de confiança, de generosidade e de gratidão, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração coleta**

**II. LITURGIA DA PALAVRA**

**Homilia no XVII Domingo Comum B 2021 – 1.º Dia Mundial dos Avós e dos Idosos**

1. Como povo reunido à volta do Senhor, descobrimos a beleza de fazermos parte de uma mesma família e de nos sentirmos todos – mesmo os que já têm uma idade maior – filhos amados de um único Pai, que atua em todos e em todos Se encontra! Assim, compreendemos que ninguém se salva sozinho. Foi essa a experiência daquelas cinco mil pessoas, reunidas à volta de Jesus. Foi essa a consciência pessoal e social, que se tornou mais aguda, neste tempo difícil da pandemia. Foi, sobretudo, muito belo perceber, nesta luta contra a COVID-19, o cuidado sanitário e prioritário dedicado aos mais velhos. Nesta luta, percebemos que os avós e os idosos não se salvam sozinhos, porque precisam de pernas velozes, que possam levar adiante os seus sonhos. Mas também os mais novos não se salvam sozinhos, porque precisam da sabedoria que os oriente na sua navegação, quais estrelas no alto mar, e lhes dê a confiança de que, desta noite escura, pode raiar o sol de uma nova aurora!

2. A cena do Evangelho ajuda-nos a entender isto mesmo: aquilo que cada um possui, por muito pouco que pareça, é um recurso valioso para todos. Um rapazito apresenta a Jesus *cinco pães de cevada* e *dois peixes*. Parece nada e é tudo. O que importa não é ter pouco ou muito, mas oferecer ao Senhor e dispor gratuitamente tudo o que temos. Jesus não fica a deitar contas aos *cinco pães* e *dois peixes*, mas bendiz, agradece, louva o Pai e reparte pela multidão. Na família, na sociedade, na comunidade, é normal que sejam os avós e os idosos os que têm alguma reserva, algum bem, de que podem dispor e partilhar, sobretudo quando falta o pão. E quantos avós não foram, não são ou não serão o seguro e a garantia do pão de cada dia… na sua própria família, com o alastrar desta terrível pandemia da pobreza?!

3. Mas, por vezes, o que os avós e os idosos têm a dar de melhor nem sequer é algo de material. Eles enriquecem a família, a sociedade, a Igreja, sobretudo, com o excesso da bondade, com a beleza da sua ternura. A maneira de amarem e cuidarem dos seus netos, mimando-os de graça, pode parecer-nos exagerada, mas este excesso do dom é a única medida que o amor conhece. Queridos avós e idosos, os vossos netos, os mais novos, não precisam só de pão e de peixe para a boca; precisam dos vossos cinco pães: 1.º, a vossa sabedoria; 2.º, os vossos afetos; 3.º, os vossos sonhos; 4.º, a vossa memória; 5.º, o vosso testemunho de fé. Eles precisam dos vossos dois peixes: 1.º, o vosso amor gratuito; 2.º, a vossa oração; em tempo de pandemia, esta oração acalenta a serena confiança de encontrar um porto seguro.

4. Queridos avós e idosos: não fiqueis a pensar que já é bastante o fardo da vossa solidão e da vossa fragilidade; não digais que já não tendes idade para *nascer de novo* ou para viverdes uma nova vocação. Não. Tendes uma verdadeira e própria vocação. Qual é ela? Diríamos que é tripla: é a vocação de ajudardes **os netos e os mais novos a não perderem as suas raízes**, tornando viva neles a memória agradecida, que é um bom alicerce da construção da vida e da fé; é ainda a vocação de **transmitirdes a fé às novas gerações** pelo testemunho da vossa confiança em Deus**; é também a vocação de cuidardes e mimardes os vossos netos com a bênção dos afetos**. Para esta missão, nenhum de vós pode dizer que está aposentado ou que já se reformou! *Avante e coragem! Tende confiança: o Senhor está convosco, todos os dias*!

5. Queridos netos, queridos irmãos mais novos: não olheis para os avós e para os idosos apenas como pessoas a quem cuidar e proteger. Não. **Juntai-vos a nós e valorizai os avós.** Sejamos gratos pela sua missão. Quantos avós acompanham os netos na Catequese e na Eucaristia e os vão levar e buscar à Escola? Quantos avós são a verdadeira retaguarda social das famílias, com horários laborais absorventes e impeditivos do acompanhamento dos filhos? Na nossa paróquia, quantos avós e idosos não colaboram nos serviços do anúncio, da liturgia, da caridade?

Obrigado, queridos avós e idosos, por serdes atores de uma pastoral de gestação da fé nos mais novos. Obrigado por serdes testemunhas privilegiadas do amor fiel, mimoso e carinhoso do nosso Deus. O Senhor vos abençoe a todos na paz!

**Credo** (dialogado)

P. Credes em um só Deus, Pai de todos, perfeito em todas as suas obras, de mãos sempre abertas para o pão e para o perdão?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, único Senhor, grande Profeta, nosso Rei e Pastor, que padece e Se compadece de nós, com infinito amor?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, fonte da santidade e vínculo da caridade, da unidade e da paz entre todos os filhos de Deus?

R. Sim, creio!

P. Credes na Santa Igreja, Corpo de Cristo no mundo, para a salvação de todos?

R. Sim, creio!

P. Credes na Ressurreição e na vida eterna, que sacia plenamente o nosso coração sedento de felicidade e de amor?

R. Sim, creio!

**Oração dos fiéis**

P.Senhor, que na vossa Providência, cuidais de todos os vossos filhos e filhas, ouvi a oração do vosso povo, que tem os olhos postos em Vós:

1. Pela Igreja: para que realize todos os dias o milagre da multiplicação do Pão da Vida e da Palavra da Salvação, para que não falte a ninguém o alimento espiritual e a esperança que vêm da fé. Oremos, irmãos.
2. Pelos que governam: para que garantam aos doentes e aos pobres, especialmente vítimas desta pandemia, o tratamento, a vacina e o apoio social. Oremos, irmãos.
3. Pelos mais novos: para que, face à fome de pão e de paz neste mundo, não desanimem com o pouco, mas disponham de tudo o que têm para que a ninguém falte o necessário. Oremos, irmãos.
4. Por todos os avós e idosos, que procuram a ternura de um abraço: para que recebam a visita de um anjo, na luz de um rosto humano. Oremos, irmãos.
5. Por todos nós: para que nos empenhemos na construção da paz, da fraternidade e da amizade social. Oremos, irmãos.

P.Senhor, nosso Deus e nosso Pai: Vós abris as vossas mãos e saciais a nossa fome; concedei-nos a graça de sentir, todos os dias, a proximidade da vossa presença consoladora, até ao dia em que chegar a Hora de sermos um só convosco, na comunhão plena e eterna do vosso Amor. Nós Vo-lo pedimos, por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**III. LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as Oblatas | Prefácio Dominical VI | Santo | Oração Eucarística II**

**Memento dos Defuntos:**

**P. Lembrai-Vos também dos nossos irmãos que adormeceram na esperança da Ressurreição:**

…

Lembrai-Vos, Senhor, de todos os avós e anciãos da nossa comunidade, que faleceram, nos últimos meses, por causa da pandemia, muitos dos quais morreram sozinhos, sem que os seus familiares lhes pudessem dizer um adeus, dar o conforto da sua presença e aos quais, Senhor, certamente enviastes um Anjo consolador, que os acompanhasse, pela nossa oração, nesta sua última viagem terrena. Em particular, nesta celebração, nós Vos pedimos pelos nossos irmãos e irmãs, avós e idosos, vítimas da pandemia da COVID-19:

... N… e N....

*Recordam-se, um após o outro, os nomes dos avós e idosos da paróquia falecidos durante a pandemia e, depois de enunciado cada nome, o acólito acende a respetiva vela, que é colocada previamente junto do altar ou em lugar que se julgar mais conveniente. A leitura pode ser acompanhada por uma música de fundo.*

…

Lembrai-Vos, Senhor, de todos eles e daqueles de quem já ninguém se lembra: **admiti-os na luz da vossa presença.**

**Ritos da Comunhão**

**Oração depois da Comunhão –** feita por um(a) avô(ó), idoso(a)

Dou-Vos graças, Senhor,

pelo conforto da Vossa presença:

mesmo na solidão sois a minha esperança e a minha confiança;

desde a minha juventude, sois a minha rocha e fortaleza!

Agradeço porque me destes uma família

e me abençoastes com uma longa vida.

Agradeço pelos momentos de alegria e de dificuldade,

pelos sonhos realizados e pelos que estão por vir.

Agradeço por este momento de fecundidade renovada à qual me chamais.

Aumentai, ó Senhor, a minha fé,

fazei-me um instrumento da Vossa paz;

ensinai-me a acolher os que sofrem mais que eu,

a nunca deixar de sonhar

e a contar as Vossas maravilhas às novas gerações.

Protegei e guiai o Papa Francisco e a Igreja,

para que a luz do Evangelho chegue até aos confins da terra.

Enviai o Vosso Espírito, ó Senhor, para renovar o mundo,

para que se acalme a tempestade da pandemia,

para que os pobres sejam consolados e que todas as guerras acabem.

Sustentai-me na fraqueza

e concedei-me viver plenamente

cada instante que me dais,

na certeza de que estais comigo todos os dias

até ao fim do mundo.

Amém.

Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente

**IV. RITOS FINAIS**

**Avisos**

1. Inscrição e renovação das inscrições na catequese até 31 de julho.
2. Foi criada rampa de acesso à secretaria, a partir da igreja, pelo lado nascente (quem entra pelo lado direito), para pessoas com mobilidade reduzida.
3. Esta semana, Missas: segunda-feira, às 16h00; de terça a sexta, às 19h00.
4. Missas no mês de agosto:

1) *Aos fins de semana*: sábados, às 19h00; domingos, às 09h00 e às 11h00. Não haverá Missa aos domingos às 19h00, durante o mês de agosto.

2) Missas de segunda a sexta-feira, durante o mês de agosto: em princípio, não haverá. As que houver, serão avisadas previamente, semana a semana, nas missas do fim de semana anterior.

**Bênção especial aos avós e idosos**

P. Senhor Deus Todo-poderoso,

que transmitistes a estes avós e idosos

a graça da sabedoria e de uma longa vida,

dignai-Vos comunicar-lhes a Vossa bênção.

Que eles sintam todos os dias

a ternura e a força da Vossa presença.

Olhando para o passado, de memória agradecida,

eles se alegrem com a Vossa misericórdia;

vislumbrando e sonhando o futuro,

eles perseverem na esperança do Vosso amor eterno.

Nós Vo-lo pedimos por Jesus Cristo,

Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**Bênção do povo**

**Rito do Envio** – entrega de um anjo à saída da igreja

Monitor:

*“Mesmo quando tudo parece escuro, como nestes meses de pandemia, o Senhor continua a enviar anjos para consolar a nossa solidão repetindo-nos: «Eu estou contigo todos os dias». Di-lo a ti, di-lo a mim, a todos. Está aqui o sentido deste Dia Mundial que o Papa quis celebrado pela primeira vez precisamente neste ano, depois dum longo isolamento e com uma retoma ainda lenta da vida social: oxalá cada avô, cada idoso****,*** *cada avó, cada idosa – especialmente quem dentre vós está mais sozinho – receba a visita de um anjo! Este anjo, algumas vezes, terá o rosto dos nossos netos; outras vezes, dos familiares, dos amigos de longa data ou conhecidos precisamente neste momento difícil*”.

Papa Francisco, *Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Avós e dos Idosos 2021*

P. É este o sentido do anjo, que será entregue à saída. Desejar a cada avô, a cada avó, a cada ancião e anciã, que sintam sempre a proximidade consoladora do Senhor, que está com eles, está connosco, todos os dias e até ao fim dos tempos. No anjo está também gravada a vossa vocação e missão.

**Despedida**

P. (Diácono): Com esta confiança, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**ORAÇÃO PARA A BÊNÇÃO DA MESA**

**XVII Domingo Comum B 2021 | 1.º Dia Mundial dos Avós e dos Idosos**

Guia: Senhor: queremos agradecer-Te o dom maravilhoso dos avós e a dádiva dos anos dos anciãos. Obrigado, Senhor, porque eles guardam a memória das nossas raízes, cuidam de nós com afeto e transmitem-nos a sabedoria da fé. Nós damos-Te graças, porque através deles continuas a abrir as Tuas mãos e a saciar a nossa fome de vida plena. Fica entre nós, todos os dias e até ao fim dos tempos.

R. Ámen.

Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente

**OUTROS TEXTOS E HOMILIAS**

**XVII DOMINGO COMUM B**

**Homilia no XVII Domingo Comum B 2018**

*Discípulos em massa ou discípulos na massa?*

São Marcos, o evangelista deste ano litúrgico, vai de férias até ao final de agosto! Nestes *cinco domingos* somos guiados pela leitura do quarto Evangelho, cuja autoria é atribuída a São João, o discípulo amado! O calor tira-nos algum apetite para digerir o longo capítulo sexto, em que São João nos apresenta o suculento *Discurso do Pão da Vida*, na sequência do grandioso sinal dos cinco pães e dois peixes, que alimentaram numerosa multidão! Como “*em tempo de melões, não há sermões*”, vamos digerir este “*pedaço de pão*”, saboreando-o, aos bocadinhos, *domingo a domingo*, sem perder migalha. Mas vamos fazê-lo como aprendizes de discípulos missionários de Jesus, aproveitando esta *pausa sobre o relvado*. Por hoje, ficam as três primeiras notas de terreno:

**1.** A primeira é que o discípulo missionário não se pode assustar ou deixar bloquear com a pobreza de meios: “*Como posso, com isto, dar de comer a cem pessoas*?». Ou: “Q*ue é isso para tanta gente?*”. O discípulo aprende de Jesus que a *pobreza de meios* faz parte da sua identidade e condição. É na medida em que o discípulo se sente carenciado, dependente de ajuda, que ele abre espaço para Deus agir e o surpreender com a Sua superabundância! Na simplicidade de vida e na míngua de meios, o discípulo missionário dá a cara por Jesus! Também para o discípulo missionário, “*o* *meio é a mensagem*” (Marshall McLuhan). No seu estilo de vida já diz tudo: donde vem e ao que vem! Vem livre e feliz do seu encontro com Jesus. E, pobre como Ele, sai ao encontro dos mais pobres!

**2.** Isto conduz-nos à segunda nota: o discípulo missionário não se assusta nem desanima, por passar despercebido ou se sentir tão pequenino, no meio de uma numerosa multidão. Ele não tem medo de meter as mãos na *massa* do povo! Pelo contrário, tal como a pequenina porção de fermento leveda toda a massa e faz crescer o pão que alimenta, assim o discípulo missionário é fermento na massa do povo e o seu testemunho tem um efeito multiplicador e transformador à sua volta. Não é importante o sucesso ou fracasso. Podem acreditar ou não, aceitar ou recusar, mas saberão que há Cristo e que há um cristão… no meio deles!

**3.** Terceira nota: o discípulo missionário não desperdiça as sobras, como é frequente na chamada “*cultura do descarte*” (*Laudato Si’*, n.º 16). Na sua missão, *o que sobra* são aqueles que porventura outros descartam, como resíduos da sociedade e até da Igreja (cf. EG 54). São precisamente as tais *sobras* (cf. EG 54) que o discípulo missionário deve acolher e recolher, cuidar e alimentar, para que nada nem ninguém se perca. “*Se alguma coisa nos deve inquietar é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida*” (EG 49). Como não aproveitarmos então o que nos sobra, enquanto lá fora há uma multidão faminta? Jesus repete-nos: «*Dai-lhes vós mesmos de comer*» (Mc 6,37)!

Na tua pobreza, meu querido discípulo missionário, deves estar a pensar: *Como responder a este convite?* Diz-te o Papa Francisco: “*O teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros*” (EG 121). E diz-te o nosso bispo do Porto: “*quem não souber dizer mais nada, garanta aos outros que se sente feliz por conhecer e se deixar amar por Jesus Cristo*” (*Plano Diocesano de Pastoral 2018/2019*, n.º 3).

Lembra-te disto, digo eu: o mundo não precisa de discípulos em massa. O que faz falta ao mundo é que haja discípulos na massa!

***Angelus* 2015**

O Evangelho deste domingo (Jo 6, 1-15) apresenta o grande sinal da multiplicação dos pães, na narração do evangelista João. Jesus está na margem do lago da Galileia, circundado por «uma grande multidão», atraída pelos «sinais que realizava em favor dos doentes» (v. 2). Nele age o poder misericordioso de Deus, que cura todos os males do corpo e do espírito. Mas Jesus não é só alguém que cura, é também mestre: com efeito sobe ao monte e senta-se, na típica atitude do mestre quando ensina: sobe a esta «cátedra» natural criada pelo seu Pai celeste. A este ponto Jesus, que bem sabe o que está para fazer, põe os seus discípulos à prova. Que fazer para matar a fome a toda aquela gente? Filipe, um dos Doze, faz um cálculo rápido: organizando uma coleta, poder-se-ão no máximo recolher duzentos denários para comprar pão, que contudo não seria suficiente para matar a fome a cinco mil pessoas.

Os discípulos raciocinam em termos de «mercado», mas Jesus substitui a lógica do comprar com a outra lógica, a lógica do doar. E eis que André, outro Apóstolo, irmão de Simão Pedro, apresenta um jovem que põe à disposição tudo aquilo que possui: cinco pães e dois peixes; mas — diz André — que é isso para tanta gente (cf. v. 9). Jesus esperava precisamente isto. Ordena aos discípulos que façam sentar aquela multidão, depois tomou aqueles pães e peixes, deu graças ao Pai e distribuiu-os (cf. v. 11). Estes gestos antecipam os da Última Ceia, que conferem ao pão de Jesus o seu significado mais verdadeiro. O pão de Deus é o próprio Jesus. Tomando a Comunhão com Ele, recebemos a sua vida em nós e tornamo-nos filhos do Pai celeste e irmãos entre nós. Recebendo a comunhão encontramo-nos com Jesus realmente vivo e ressuscitado! Participar na Eucaristia significa entrar na lógica de Jesus, a lógica da gratuitidade, da partilha. E por mais pobres que sejamos, todos podemos oferecer alguma coisa. «Receber a Comunhão» significa também obter de Cristo a graça que nos torna capazes de partilhar com os outros aquilo que somos e o que possuímos.

A multidão fica admirada com o prodígio da multiplicação dos pães; mas o dom que Jesus oferece é a plenitude de vida para o homem faminto. Jesus sacia não só a fome material, mas aquela mais profunda, a fome do sentido da vida, a fome de Deus. Perante o sofrimento, a solidão, a pobreza e as dificuldades de tantas pessoas, o que podemos fazer? Lamentar-nos nada resolve, mas podemos oferecer aquele pouco que temos, como o jovem do Evangelho. Certamente temos algumas horas à disposição, algum talento, competência... Quem não tem os seus «cinco pães e dois peixes»? Todos os temos! Se estivermos dispostos a pô-los nas mãos do Senhor, serão suficientes para que no mundo haja um pouco mais de amor, paz, justiça e sobretudo alegria. Como é necessária a alegria no mundo! Deus é capaz de multiplicar os nossos pequenos gestos de solidariedade e tornar-nos participantes do seu dom.

Que a nossa oração ampare o compromisso comum para que nunca falte a ninguém o Pão do céu que dá vida eterna e o necessário para uma vida digna, e se afirme a lógica da partilha e do amor. A Virgem Maria nos acompanhe com a sua materna intercessão.

**Homilia do Papa Francisco, Bolívia, 9 julho 2015**

“Pode suceder a nós o mesmo que aos discípulos de ontem, quando viram essa quantidade de pessoas que estava lá. Pedem a Jesus que a mande embora – «*Manda-lhes de volta à casa*» –, já que é impossível alimentar tanta gente. Perante muitas situações de fome no mundo, podemos dizer: «*Perdão, mas os números não batem certo; não podemos resolver a* conta». É impossível enfrentar estas situações; então o desespero acaba por apoderar-se do coração.

Num coração desesperado, é muito fácil ganhar espaço a lógica que pretende impor-se no mundo, em todo o mundo, nos nossos dias. Uma lógica que procura transformar tudo em objeto de troca, tudo em objeto de consumo: vê tudo negociável. Uma lógica que pretende deixar espaço para muito poucos, descartando todos aqueles que não «produzem», que não são considerados aptos ou dignos porque, aparentemente, «os números não batem certo».

E Jesus retoma a palavra para nos dizer: «*Não, não é necessário excluí-los, não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer*». É um convite que hoje ressoa fortemente para nós: «Não é necessário excluir a ninguém. Não é necessário mandar ninguém embora, basta de descartes; dai-lhes vós mesmos de comer». Jesus continua a dizer-nos: “*Sim, basta de descartes; dai-lhes vós mesmos de comer”.* O olhar de Jesus não aceita uma lógica, uma perspetiva que sempre «*corta o fio*» pelo ponto mais frágil, mais necessitado. Tomando «o bocado», Ele mesmo nos dá o exemplo e nos mostra o caminho. Uma atitude em três palavras: *tomou* um pouco de pão e alguns peixes, *deu graças* a Deus por eles, *distribuiu-os* e entregou-os, para que os discípulos os partilhem com os outros. E este é o caminho do milagre. Por certo, não é magia nem idolatria. Por meio destas três ações *(tomar, dar graças, distribuir)* Jesus consegue transformar a lógica do descarte numa lógica de comunhão, numa lógica de comunidade”.

Gostaria de destacar brevemente cada uma destas ações.

**1. Toma.** O ponto de partida é tomar muito a sério a vida dos seus. Fixa-os nos olhos e, nestes, conhece a sua vida, os seus sentimentos. Vê, naquele olhar, o que pulsa e o que deixou de pulsar na memória e no coração do seu povo. Considera-o e valoriza-o. Valoriza todo o bem que possam oferecer, todo o bem a partir do qual se possa construir. Mas não fala dos objetos, dos bens culturais ou das ideias; fala das pessoas. A riqueza maior duma sociedade mede-se na vida do seu povo, mede-se nos seus idosos que conseguem transmitir aos mais novos a sua sabedoria e a memória do seu povo. Jesus nunca ignora a dignidade de pessoa alguma, por maior que seja a aparência de não ter nada para oferecer ou partilhar. Tomo tudo assim como lhe chega.

**2. Bendiz.** Jesus toma em suas mãos o dom, e bendiz o Pai que está nos céus. Sabe que estes dons são um presente de Deus. Por isso, não os trata como «uma coisa qualquer», dado que toda a vida, toda esta vida é fruto do amor misericordioso. Ele reconhece-o. Vai além da simples aparência e, neste gesto de bendizer e louvar, pede a seu Pai o dom do Espírito Santo. Aquele acto de bendizer tem esta dupla perspectiva: por um lado, agradecer e, por outro, transformar. É reconhecer que a vida é sempre um dom, um presente que, colocado nas mãos de Deus, adquire uma força de multiplicação. O nosso Pai não nos tira nada, multiplica tudo.

**3. Entrega.** Em Jesus, não existe um tomar que não seja bênção, nem uma bênção que não seja uma entrega. A bênção é sempre missão, tem um destino: repartir, partilhar o que se recebeu, uma vez que só na entrega, no compartilhar é que as pessoas encontram a fonte da alegria e a experiência de salvação. Uma entrega que quer reconstruir a memória de povo santo, de povo convidado a ser e a levar a alegria da salvação. As mãos, que Jesus ergue para bendizer o Deus do céu, são as mesmas que distribuem o pão à multidão que tem fome. E podemos imaginar agora como os pães e os peixes iam passando de mão em mão até chegar aos mais afastados. Jesus consegue gerar uma corrente entre os seus: todos estavam compartilhando o seu, transformando-o em dom para os outros, e foi assim que comeram até ficarem saciados. E, incrivelmente, sobrou: recolheram sete cestos de sobras. Uma memória tomada, uma memória abençoada, uma memória entregue sempre sacia o povo.

A Eucaristia é o «Pão repartido para a vida do mundo». É sacramento de comunhão, que nos faz sair do individualismo para vivermos juntos o seguimento de Jesus e nos dá a certeza de que aquilo que temos e somos, se tomado, abençoado e entregue, pelo poder de Deus, pelo poder do seu amor, transforma-se em pão de vida para os outros.

E a Igreja celebra a Eucaristia, celebra a memória do Senhor, o sacrifício do Senhor. Porque a Igreja é uma comunidade memoriosa. Por isso, fiel ao mandato do Senhor, repete incansavelmente: «Fazei isto em memória de Mim» (Lc 22, 19). Geração após geração atualiza, torna real, nos distintos cantos da nossa terra, o mistério do Pão da Vida. No-lo faz presente e entrega. Jesus quer que participemos desta sua vida e, por nosso intermédio, se vá multiplicando na nossa sociedade. Não somos pessoas isoladas, separadas, mas somos o Povo da memória atualizada e sempre entregue.

Uma vida memoriosa precisa dos outros, do intercâmbio, do encontro, duma solidariedade real que seja capaz de entrar na lógica do tomar, bendizer e entregar; na lógica do amor.

Maria, igual a muitas de vós, carregou sobre si a memória do seu povo, a vida do seu Filho, e experimentou em Si própria a grandeza de Deus, proclamando com alegria que Ele «encheu de bens os famintos» (Lc 1, 53), que Ela seja hoje o nosso exemplo para confiarmos na bondade do Senhor, que faz obras grandes com pouca coisa, com a humildade dos seus servos.

Que assim seja.

**BENTO XVI, *ANGELUS,* 29 de Julho de 2012**

Neste domingo demos início à leitura do capítulo 6 do Evangelho de João. O capítulo começa com a cena da multiplicação dos pães, que depois Jesus comenta na sinagoga de Cafarnaum, indicando em Si mesmo o «pão» que dá a vida. As obras realizadas por Jesus são paralelas às da Última Ceia: «Tomou os pães e deu graças. Em seguida, distribuiu-os a quantos estavam sentados» — assim diz o Evangelho (Jo 6, 11). A insistência sobre o tema do «pão», que é compartilhado, e sobre a ação de graças (cf. v. 11, em grego eucharistesas), evocam a Eucaristia, o Sacrifício de Cristo para a salvação do mundo**.**

O Evangelista observa que a Páscoa, a festa, já estava próxima (cf. v. 4). O olhar orienta-se para a Cruz, o dom de amor, e para a Eucaristia, o perpetuar-se deste dom: Cristo faz-se pão de vida para os homens. Santo Agostinho comenta assim: «Quem, a não ser Cristo, é o pão do céu? Mas para que o homem pudesse comer o pão dos anjos, o Senhor dos anjos fez-se homem. Se isto não se tivesse realizado, não teríamos o seu corpo; sem termos o corpo que lhe é próprio, não comeríamos o pão do altar» (Sermão 130, 2). A Eucaristia é o grande encontro permanente do homem com Deus, em que o Senhor se faz nosso alimento, em que se oferece a Si próprio para nos transformar n’Ele mesmo.

Na cena da multiplicação é indicada também a presença de um jovem que, diante da dificuldade de dar de comer a tantas pessoas, põe em comum aquele pouco de que dispõe: cinco pães e dois peixes (cf. Jo 6, 8). O milagre não se realiza a partir do nada, mas de uma primeira partilha modesta daquilo que um jovem simples possuía. Jesus não nos pede aquilo de que não dispomos, mas faz-nos ver que se cada um oferecer o pouco que tiver, pode realizar-se sempre de novo o milagre: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e tornar-nos partícipes do seu dom. A multidão admira-se com o prodígio: vê em Jesus o novo Moisés, digno do poder, e no novo maná, o futuro assegurado, mas limita-se ao elemento material que comeram, e o Senhor «compreendendo que queriam arrebatá-lo para fazer dele um rei, voltou a retirar-se sozinho no monte» (Jo 6, 15). Jesus não é um rei terreno que exerce o domínio, mas um rei que serve, que se debruça sobre o homem para saciar não apenas a fome material, mas sobretudo a fome mais profunda, a fome de orientação, de sentido e de verdade, a fome de Deus.

Caros irmãos e irmãs, peçamos ao Senhor que nos faça redescobrir a importância de nos alimentarmos não só de pão, mas de verdade, de amor, de Cristo, do corpo de Cristo, participando fielmente e com grande consciência na Eucaristia, para estarmos cada vez mais intimamente unidos a Ele. Com efeito, «não é o alimento eucarístico que se transforma em nós, mas somos nós que acabamos misteriosamente mudados por ele. Cristo alimenta-nos, unindo-nos a Si; “atrai-nos para dentro de Si”» (Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis*, 70). Ao mesmo tempo, desejamos rezar a fim de que jamais falte a ninguém o pão necessário para uma vida digna, e sejam abatidas as desigualdades não com as armas da violência, mas com a partilha e o amor.

Confiemo-nos à Virgem Maria, enquanto invocamos sobre nós e sobre os nossos entes queridos a sua intercessão materna.

**Comentário Dom António Couto**

**ONDE COMPRAREMOS PÃO?**

**1.** O grande texto que forma o Capítulo 6 do Evangelho de João, e que vamos ter a graça e escutar nos próximos 5 Domingos, pode dividir-se em seis Partes:

- a primeira Parte, que funciona como Introdução ou preparação do cenário, engloba os vv. 1-4 e apresenta as personagens (Jesus, uma grande multidão, os discípulos), o lugar (na «outra margem do mar da Galileia», na «montanha») e o tempo («estava próxima a Páscoa dos judeus»);

- a segunda Parte, que se estende pelos vv. 5-15, abre com uma pergunta pedagógica de Jesus dirigida a Filipe («Filipe, onde compraremos pão para que eles comam?»), não corretamente respondida por Filipe e André, mas resolvida por Jesus;

- a terceira Parte, que compreende os vv. 16-21, mostra-nos os discípulos a atravessar, no escuro, o mar encapelado, e Jesus vindo ao seu encontro caminhando sobre o mar;

- a quarta Parte, entre os vv. 22-24, apresenta-nos um novo começo, no dia seguinte, mostrando-nos a multidão que nota a ausência de Jesus e parte à sua procura para Cafarnaum;

- a quinta Parte, que compreende a longa extensão de texto entre os vv. 25-59, traz para a cena a importante discussão, travada entre Jesus e a multidão ou os judeus, sobre o pão vindo do céu;

- a sexta Parte, que contempla os últimos versículos (vv. 60-71), estende a discussão aos discípulos, mostrando a deserção de muitos (vv. 60-66), em contraponto com a confissão de fé de Pedro (vv. 67-71).

**2.** Dois Capítulos à frente de João 4, em João 6, diz-nos o narrador que Jesus subiu à montanha, que se sentou lá com os seus discípulos, e que uma grande multidão acorria a Jesus (João 6,3 e 5). É nessas circunstâncias que Jesus retoma o tema do alimento. Descendo agora ao nível dos discípulos, Jesus diz a Filipe: «Onde (póthen) compraremos (agorázô) pão para que eles comam?» (João 6,5). De facto, o verbo «comprar» é corrente nos lábios dos discípulos, mas é estranho na boca de Jesus. No cenário anterior, de Jesus e da Samaritana, os discípulos passam quase o tempo todo a comprar, enquanto Jesus fala de dar e dá-se mesmo.

**3.** Na chamada «primeira multiplicação dos pães», que podemos ler nos Evangelhos de Mateus e de Marcos, Jesus recusa mesmo a solução de «comprar» (agorázô), avançada pelos discípulos, e propõe a de «dar» (dídômi) (Mateus 14,15-16; Marcos 6,36-37). Por que será, então, que Jesus fala agora de «comprar», ainda para mais conjugando o verbo na 1.ª pessoa do plural, Ele incluído: «Onde compraremos»? Mas a questão não é apenas sobre comprar. É sobre «Onde comprar». Face à lógica da misericórdia, da condivisão e da partilha proposta por Jesus, já os discípulos, céticos, se tinham perguntado: «‘De onde’ (póthen) poderá alguém saciar estas pessoas de pães num lugar deserto?» (Marcos 8,4). Esse «Onde» (póthen) já tinha sido ouvido em João 1,48, quando Natanael pergunta a JESUS «‘De onde’ (póthen) me conheces?» Será também ouvido em João 2,9, em que o narrador nos informa que o chefe-de-mesa «não sabia ‘de onde’ (póthen) era» a água feita vinho. Da mesma forma, Nicodemos também não sabe, acerca do Espírito, «‘de onde’ (póthen) vem nem para onde vai» (João 3,8). Tal como a mulher samaritana não sabe ‘de onde’ (póthen) Jesus tira a água viva (João 4,11). E as autoridades de Jerusalém confirmam que, «quando vier o Cristo, ninguém saberá ‘de onde’ (póthen) Ele é» (João 7,27). E, mais à frente, em polémica com os fariseus, Jesus afirma: «Eu sei ‘de onde’ (póthen) venho; vós, porém, não sabeis ‘de onde’ (póthen) venho» (João 8,14). E na cena da cura do cego de nascença, os fariseus acabam por afirmar acerca de Jesus: «Esse não sabemos ‘de onde’ (póthen) é» (João 9,29), ao que o cego curado responde, apontando a cegueira deles: «Isso é espantoso: vós não sabeis ‘de onde’ (póthen) Ele é; e, no entanto, Ele abriu-me os olhos!» (João 9,30). Na narrativa do IV Evangelho, tudo isto conflui para a questão posta por Pilatos: «‘De onde’ (póthen) és TU?» (João 19,9). E, no Evangelho de Lucas, Isabel também exclama: «‘De onde’ (póthen) a mim isto: “Que venha a mãe do meu Senhor ter comigo?”» (Lucas 1,43). E, no Evangelho de Marcos, como no de Mateus, os conterrâneos de JESUS, apontando as Suas humildes e bem conhecidas raízes geográficas e familiares que, na mentalidade antiga, determinam a identidade e a capacidade da pessoa, exclamam acerca d’ELE: «‘De onde’ (póthen) a ESTE estas coisas, e que sabedoria é esta a ESTE dada, e os prodígios que pelas mãos d’ELE vêm?» (Marcos 6,2; cf. Mateus 13,54.56).

**4.** Retornando à pergunta feita a Filipe: «Onde comparemos pão para que eles comam?» (Jo 6,5), o narrador anota outra vez com perspicácia que Jesus disse isto para pôr Filipe à prova, pois bem sabia o que havia de fazer (João 6,6). Com esta anotação, o narrador deixa-nos declaradamente perante uma pergunta pedagógica, pelo que ficamos à espera de saber se Filipe reúne ou não competência para resolver o problema.

**5.** Não temos de esperar muito tempo. Filipe é rápido a fazer contas, e diz logo que duzentos denários (um denário corresponde ao salário de um dia) de pão não chegam para que cada um receba ainda que seja só uma migalhinha (João 6,7). O leitor atento, mas incauto, é com certeza levado a concordar com Filipe. Se a pergunta é: «Onde comprar pão», o leitor pensará logo certamente como Filipe no dinheiro e no shopping. E será também levado a concluir que, para tanta gente, feitas as contas em termos de mercado, pouco ou nada haverá a fazer. Mas o «leitor implícito» ou «leitor modelo», que a análise narrativa ou narratologia define como aquele que está apto a fazer as operações mentais e afectivas que o mundo do relato dele requer, terá certamente estranhado que Filipe se tenha deixado levar tão depressa pelo verbo «comprar» da pergunta de Jesus, dado que se trata de um verbo que Jesus não só não usa, como até recusa.

**6.** André, que estava ali ao lado e que também terá ouvido a pergunta, passa a Jesus a informação preciosa de que havia ali um rapazito (paidárion) que tinha cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas apressou-se logo a minar a utilidade do achado, dada a imensa desproporção entre tão pouco alimento e tanta gente (João 6,8-9). Se a lógica de mercado de Filipe o levou – e a nós com ele – a desistir rapidamente de apresentar uma solução positiva à pergunta de Jesus, a lógica de André levou-o – e a nós outra vez também com ele – a desvalorizar os dons que descobrimos nos outros, nomeadamente nos nossos irmãos mais pequeninos.

**7.** Parece agora claro para o leitor que a pergunta de Jesus: «Onde compraremos pão para que eles comam?», não obteve de Filipe a resposta adequada, e que a ajuda de André tão-pouco se terá revelado satisfatória.

**8.** Filipe ouviu a pergunta de Jesus. E André, pelos vistos, também a ouviu. Mas nem Filipe nem André sabiam que se tratava de uma prova. Só o leitor o sabe, porque foi disso informado pelo narrador. E então a pergunta agora é: e eu e tu, leitores informados, será que sabemos resolver a questão que Filipe e André deixaram sem resposta? Ou será que preferimos prestar toda a nossa atenção ao desempenho de Jesus, dado que também fomos informados de que ele sabia bem o que havia de fazer? A acção de Jesus reclama a nossa atenção.

**9.** Soberanamente, Jesus, que bem sabia o que havia de fazer, ordenou àqueles discípulos, com certeza estupefactos, que fizessem reclinar (anapíptô) as pessoas (ánthrôpoi) para comer (João 6,10). O verbo usado, anapíptô, implica mesmo dispor-se à mesa para comer. O narrador anota agora que «os homens (ándres) eram em número de cerca cinco mil», a que acrescenta a sugestiva anotação de que «havia muita erva (chórtos) naquele lugar» (João 6,10). Depois, Jesus, que preside à mesa, RECEBEU (lambánô) os pães, e TENDO DADO GRAÇAS (eucharistéô), DISTRIBUIU-OS (diadídômi) ele mesmo aos que estavam reclinados à mesa (anakeiménois), e o mesmo fez com os peixinhos, tanto quanto queriam (João 6,11). Ficámos a saber que Jesus recolheu a informação preciosa de André acerca dos pães e dos peixinhos do rapazito, e que, ao contrário de André, não os depreciou. E quando todos foram saciados (eneplêsthêsan), Jesus, que preside à mesa, deu ordens aos seus discípulos para que reunissem (synágô) os pedaços que sobraram (perisseúô). Note-se que o verbo usado para dizer «sobrar» é o verbo perisseúô, que implica o excesso que ultrapassa toda a medida e a abundância que transborda, tornando curtas todas as normas e regras. É assim normal que o narrador nos informe de que, com os pedaços que sobraram, os discípulos encheram doze cestos (João 6,12-13), símbolo da plenitude transbordante e inesgotável.

**10.** De notar que, aos olhos atónitos dos discípulos e dos nossos, Jesus não fez uma operação de «multiplicação» dos pães, mas de «divisão» e «com-divisão», «partilha» dos pães! O milagre de Jesus – aquilo que suscita surpresa e maravilha – não consiste em aumentar a quantidade do pão (que permanece a mesma), mas em abrir os olhos aos seus discípulos e a nós que, como cegos, só conhecemos e pensamos na lógica do vender e do comprar, e não chegamos a saborear a lógica da gratuidade, que é a do nosso Pai celeste que faz nascer o sol para os bons e para os maus. Entrar nesta lógica é acreditar na força do dom, e ir por este mundo consumista, partindo o pão e dividindo-o, com a clara consciência de que onde isto acontecer, não só se instaura o necessário para todos («todos comeram e foram saciados»), mas instaura-se igualmente o «excesso», a superabundância da graça («os discípulos encheram doze cestos»).

**11.** A multidão, porém, face ao sucedido, não viu o «excesso», a superabundância da graça (Romanos 5,20; 1 Timóteo 1,14), mas tornou-se apenas materialmente dependente de Jesus, procurando-o por toda a parte (João 6,24), como se de verdadeira fonte de rendimento se tratasse (velha lógica consumista). E, quando o encontra no «outro lado do mar» (João 6,25), é duramente recriminada por Jesus, com estas palavras solenes: «Em verdade, em verdade, vos digo: “vós procurais-me, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos enchestes (chortázô)”» (João 6,26). E continua: «Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo que permanece até à vida eterna» (João 6,27).

**12.** Pouco depois, Jesus revelará: «Eu sou o pão da vida» (João 6,35 e 48) e «Eu sou o pão vivo descido do céu» (João 6,41 e 51), e retirará daí um rol de consequências em termos da sua carne e do seu sangue dados para a vida do mundo. Jesus compreende então que os judeus e os seus discípulos murmuravam por causa disso (João 6,61), e o narrador informa-nos que muitos deles se afastaram de Jesus (João 6,66). É então a hora decisiva de Jesus perguntar aos Doze: «Vós também quereis ir embora?» (João 6,67), ao que Simão Pedro responderá exemplarmente: «Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna» (João 6,68).

**13.** O leitor que seguiu atentamente tudo desde o princípio, desde a primeira pergunta pedagógica de Jesus: «Onde compraremos pão para que eles comam?», e que assistiu ao falhanço das respostas dos discípulos, e que terá, porventura, verificado a sua própria incapacidade para responder, e que prestou depois toda a atenção ao desempenho de Jesus, e que viu entretanto a deserção de judeus e discípulos decepcionados, terá com certeza compreendido a última resposta de Simão Pedro: «Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna», como a verdadeira resposta à primeira pergunta pedagógica de Jesus. Com a resposta de Pedro, fica estabelecida a conjunção entre palavra e alimento. Mas falta ainda um agrafo que explique aquele estranho verbo «comprar», estranhamente usado por Jesus. É um trabalho de casa que o leitor competente tem de fazer sozinho. E nem é difícil, pois ele sabe que é preciso conhecer as Escrituras. Percorrendo-as, encontrará esta passagem de Isaías:

«Todos vós que tendes sede, vinde às águas!/ Vós, que não tendes dinheiro, vinde!/ Comprai (agorázô LXX) cereal e comei!/ Comprai cereal sem dinheiro,/ e sem pagar, vinho e leite./ (…) Ouvi-me, ouvi-me, e comei o que é bom!» (Isaías 55,1-2).

**14.** Está aqui o elo que faltava: o verbo comprar, significativamente não agrafado com dinheiro. Comprar cereal sem dinheiro. Mas esta lição de Isaías reforça ainda a conjunção entre palavra e alimento, com aquela proposta: «Ouvi-me, ouvi-me, e comei!», que soa também a abrir o Livro do grande profeta: «Se vierdes e escutardes, o melhor da terra (tûb ha’arets) comereis» (Isaías 1,19), clarificada pelo confronto: «Mas se vos recusardes (ma’na) e vos rebelardes (marah), será a espada que vos comerá» (Isaías 1,20). Mas também sai esclarecida ainda aquela disjunção mostrada por Jesus entre «o alimento que perece» e «o que permanece até à vida eterna» (João 6,27). O que perece é a «erva» (ou «feno») (chórtos) que compramos com dinheiro e nos cala a boca e enche (chortázô) o estômago (cf. João 6,26). O que permanece é a palavra que Deus diz, e que é por nós ouvida, recebida e respondida. Mas esta disjunção, a que podemos agora acrescentar a sugestiva anotação de que «havia muita erva (chórtos) naquele lugar» (João 6,10), pode ainda ser melhor explicitada se lermos outro texto de Isaías:

«(…) Toda a carne é erva (chórtos LXX),/ e toda a sua graça como a flor do campo./ Seca a erva (chórtos LXX) e murcha a flor,/ mas a palavra do Senhor permanece para sempre» (Isaías 40,6 e 8).

**15.** Os leitores super-competentes, vulgo exegetas, gostam de ver na anotação de que «havia muita erva naquele lugar» a evocação do Salmo 23(22),2: «O Senhor é meu pastor, nada me falta:/ num lugar de ‘erva verde’ (tópos chlóês LXX) me faz repousar».

**16.** Nem reparam que o vocabulário não é o do Salmo. O leitor instruído nas Escrituras saberá agora responder à estranha pergunta de Jesus: «Onde compraremos pão para que eles comam?» É claramente em Deus. Também este cenário transborda de pedagogia. Jesus que, no cenário anterior, desceu ao nível da mulher da Samaria para ganhar a mulher da Samaria, desce agora ao nível dos discípulos para ganhar os discípulos. A iniciativa é sempre de Jesus. Os discípulos tinham ficado na linha do comprar. É aí que Jesus os vai buscar, formulando a pergunta: «Onde compraremos pão, para que eles comam?» Vimos atrás que o verbo «comprar» é estranho na boca de Jesus, mas usual na dos discípulos. Usando agora o verbo «comprar», Jesus desce ao nível dos discípulos. Não, porém, simplesmente para dizer com eles, mas para os levar a dizer com ele. Depois de muitos mal-entendidos e deserções, uma última interpelação de Jesus acaba por lhes dar a oportunidade de se dizerem com Jesus. A multidão é levada pelo interesse meramente material, tornando-se dependente, no mau sentido, de Jesus. É duramente recriminada por Jesus. O leitor encontra, neste cenário, um jogo de muitas surpresas, de muitos olhares. E é o leitor o que mais tem a ganhar, se verdadeiramente entrar no jogo do relato.

**António Couto**

**Comentário ERMES RONCHI – MARINA MARCOLINI**

**1.** A multiplicação dos pães é o único milagre presente nos quatro evangelhos. Ainda mais Mateus e Marcos descrevem-no duas vezes. Mais do que um milagre é um sinal, uma fenda de mistério, um acontecimento decisivo para compreender Jesus. Ele tem pão para todos, é como se dissesse: Eu faço viver, Eu multiplico a vida! Ele faz viver: com as suas mãos que devolvem a saúde aos doentes, com as palavras que curam o coração, com o pão que significa tudo aquilo que alimente as profundezas da vida.

Cinco mil homens, e à volta deles é primavera; no monte, que é o lugar mais próximo de Deus, eles têm fome. Alguém tem pães de cevada, a cevada é o primeiro dos cereais a amadurecer, é o pão novo. E há um rapaz, nem sequer é um homem adulto, mas uma primícia de homem, um sinal de frescura, um sinal de novidade. O primeiro aspeto a sublinhar neste milagre é uma teologia da generosidade. Ninguém pede nada a Jesus, Ele é o primeiro a preocupar-se,

a aperceber-se, dizendo: «Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?»

À generosidade de Deus corresponde a generosidade do rapaz. A este também ninguém pede nada: tem cinco pães e dois peixes e coloca-os à disposição de todos. É pouca coisa, mas é tudo o que tem. E é esse o primeiro milagre. O rapazinho poderia pensar: mas o que são cinco pães para cinco mil pessoas? Menos de nada, é inútil desperdiçá-los. E a minha fome? Em vez disso, dá tudo o que tem, sem pensar se é muito ou pouco. É tudo!

**2.** Por uma misteriosa regra divina, quando o meu pão passa a ser o nosso pão, nesse momento acontece o milagre. A surpresa é que a fome não acaba quando eu como o meu pão até ficar saciado, mas quando partilho o pouco que tenho. Pelo contrário, a fome começa quando guardo só para mim o meu pão. A generosidade daquele rapaz interroga-me. Todos nós temos alguma coisa para dar, mesmo que seja pouco, e o nosso dom nunca é insignificante, porque a nossa missão é fazer circular o bem no Corpo de Cristo, fazer circular o bem nas veias do mundo. Há tanto pão desse na terra, que, se fosse partilhado e distribuído, chegaria para todos. Mas, em vez disso, todos acumulam e ninguém distribui nada! Falta o fermento evangélico.

Escreve Miguel de Unamuno: «O cristão não é chamado a dar pão ao mundo, mas fermento.» O Cristianismo não promete bens materiais importantes à humanidade, mas uma levedura de partilha, um fermento de generosidade. O Evangelho não visa um crescimento dos bens materiais, mas oferece um horizonte, um sentido para esses bens.

O Evangelho, hoje, nem sequer fala de multiplicação, mas de distribuição, de um pão que não acaba, de bens redistribuídos e partilhados.

Enquanto o distribuíam, o pão não chegava ao fim e, enquanto passava   
de mão em mão, ficava em todas as mãos. Nunca saberemos como acontecem certos milagres. Em relação ao milagre de hoje, também não nos é explicado como ocorreu. Aconteceu e basta. Acontecem, ainda hoje, quando o que vence é a lei da generosidade.

João resume a ação de Jesus com três verbos: tomou os pães, deu   
graças e distribuiu. Três verbos que recordam imediatamente a Eucaristia, Cristo pão, o Mestre que, enquanto sacia em nós a fome de pão,   
quer acender a fome de Deus.

Esses três verbos também podem fazer da minha vida, da nossa vida,   
um evangelho, um sacramento: acolher, dar graças, repartir. Nós não   
somos os proprietários, os donos das coisas. Se nos consideramos como   
tais, profanamo-las: profanamos o ar, a terra, a água, as flores, o pão.   
Tudo aquilo que encontramos não é nosso, é vida que veio antes de nós   
e que passa além de nós.

"Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca." Recolheram-nos e encheram doze cestos.» O cuidado pelos pães que sobraram, pela sacralidade das coisas, para que nada se perca, porque há uma santidade na matéria, até às migalhinhas.

Nunca seremos felizes, se não aprendermos a acolher e a bendizer: os irmãos, o pão, Deus, a vida, a beleza; e, depois, a partilhar. Acolhimento, bênção e partilha, e sentiremos dentro de nós três fontes de felicidade.

Seja esta a nossa oração: *Senhor, dá-nos o pão, o amor e a vida, porque pelo amor, pelo pão e pela vida Tu nos criaste.*

**HOMILIA NO XVII DOMINGO COMUM B 2012**

**1.** Passemos para o outro lado do mar! E retiremo-nos, para o monte, com Jesus e como Jesus! Da brisa plana do mar imenso, subamos às alturas da montanha, para assim “chegar com *um dedo ao céu”*. Do Mar ao Marão, bem pode chegar a deus a nossa oração! O Evangelho deste domingo põe em evidência a dupla faceta do monte: ele é lugar de intimidade entre Jesus e os seus discípulos, na oração e no repouso; e é, ao mesmo tempo, lugar onde a multidão sobe, para experimentar a convivialidade, na partilha do pão!

**2.** Pode parecer-nos que esta dupla dimensão, da oração e da partilha, não tenha nada a ver, uma com a outra. Mas o evangelho esclarece-nos: antes, durante e depois do milagre da partilha do pão, está Jesus em oração: Diz, ao início, o evangelho que “*Jesus subiu ao monte e aí sentou-se com os discípulos*” (Jo.6,3), num primeiro momento de intimidade e oração. Logo depois, diz que ao receber de André o pouco que havia, “*Jesus tomou os pães e deu graças*” (Jo.6,11) numa oração de bênção e louvor, porque o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. E já no final, o evangelista deixa esta nota: “*Jesus retirou-se novamente sozinho para o monte*” (Jo.6,15). Assim, a oração está antes, durante e depois da ação. Porque a oração não é só uma questão de nos pormos a dizer palavras e a pedir ajuda a Deus; a oração é verdadeiramente “*a experiência que abre o nosso coração a Deus, e assim gera também criatividade na busca de soluções*” (Bento XVI, VII Encontro Mundial das Famílias, Festa dos Testemunhos, 2.06.2012). Jesus ensina-nos assim, uma dupla estratégia, no combate à pobreza e na resolução das dificuldades: fazer as coisas como se tudo dependesse de nós, com empenho e dedicação; e depois fazê-las como se tudo dependesse de Deus, com prontidão e confiança!

**3.** Isto mesmo respondeu Bento XVI, a uma pergunta de um casal da Grécia, no VII Encontro mundial das Famílias em Milão, a respeito do que seria possível fazer pelas famílias mais afetadas pela presente crise. Disse o Papa: “*cada um procure fazer tudo o que lhe é possível; pense na família e nos outros, com um grande sentido de responsabilidade, sabendo que os sacrifícios são necessários para avançar. Que podemos fazer nós”?* E sugeriu: “*que realmente uma família assuma a responsabilidade de ajudar outra família*”.

**4.** Somos assim desafiados a tecer esta rede de comunhão, entre famílias. Não se pode mais esperar soluções apenas dos governantes, das autarquias, da segurança social. O famoso Padre Américo dizia, em meados do século XX: “*Ai dos pobres se não fossem os pobres*” e estou certo de que diria hoje: “*Ai das famílias se não forem as famílias*”. É, pois, muito preciso que as famílias ajudem as famílias, com novas redes de entreajuda.

**5.** Queridos irmãos: o milagre de Deus está na nossa mão, e começa no coração. É no coração do homem, que o amor tem um efeito multiplicador, pois Deus só pode multiplicar, onde o homem for capaz de dividir. Que o pão partido da Eucaristia, que nos sobra e sacia, se multiplique depois na partilha do pão de cada dia!

**XVII Domingo Comum B 2012 – São Gonçalo – Eiriz**

**Entrada:** Subimos ao monte, como discípulos, para daqui, divisarmos, com outra clareza, a medida alta da vida cristã, que é a santidade, tal como nos testemunha São Gonçalo. Ele próprio, em 14 anos de peregrinação, procurava lugares isolados, para se deter junto do Senhor e interceder pelo seu Povo. Atraídos pelo esplendor da sua santidade, aqui vimos a este lugar tão belo e verdejante, onde o Senhor nos senta à mesa com Ele, para nos dar uma palavra de reconforto e para nos repartir o pão que restaura as nossas forças. Para o fazermos de mãos limpas e coração puro, invoquemos a sua misericórdia!

***Kyrie***

Senhor, que sois, na verdade, o Profeta, que havia de vir ao mundo, tende piedade de nós!

Cristo, que sois o belo Pastor, que nos conduz aos prados verdejantes, tende piedade de nós!

Senhor, que abris as mãos e saciais a nossa fome, tende piedade de nós!

**Prefácio** da Eucaristia I. **Oração Eucarística** II

Pai-Nosso: Rezamos, para que o nosso coração se abra Deus e Deus nos mova para o amor dos irmãos. Neste espírito ousamos rezar?

**Rito da Paz:** O que são os abraços? São o coração feito e desfeito em dois pedaços!

Oração dos Fiéis – XVII Domingo Comum B – São Gonçalo – Eiriz

P. Senhor, nosso Deus, em quem todos têm postos os olhos, pela intercessão do Bem-Aventurado Gonçalo de Amarante, ouvi as orações do vosso Povo:

**1. Pela Igreja inteira: para que se torne lugar do encontro dos homens com Deus e da proximidade entre os seus filhos, na partilha da mesma fé, da esperança e da caridade. Oremos irmãos.**

**2. Pelos que governam as nações: para que promovam uma nova ordem económica, mais justa, mais solidária e mais fraterna. Oremos irmãos.**

**3. Pelos mais pobres da nossa comunidade: para que encontrem em todos nós mãos abertas para a partilha, e, em Deus, a força e o vigor para a sua luta. Oremos irmãos.**

**4. Por todos os devotos, peregrinos e romeiros de São Gonçalo: para que se deixem fascinar pela beleza de seguir o Senhor Jesus, nos lugares onde são chamados a dar testemunho do seu ser cristão. Oremos irmãos.**

**5. Por todos nós: para que nos comportemos segundo a maneira de viver a que fomos chamados, em santidade de vida, na unidade e na caridade. Oremos irmãos.**

P. Senhor, que no Bem-Aventurado Gonçalo de Amarante, nos deixaste um testemunho fiel daquela oração, que nos abre o coração à compaixão pelos mais pobres: pela sua intercessão, ajudai-nos a imitar e a seguir com alegria o vosso Filho Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo!

**Homilia no XVII Domingo Comum B 2009**

1. Toda a nossa atenção vai para o “prodígio” espetacular da multiplicação. Mas é preciso adentrar-se bem no segredo mais íntimo desta maravilhosa ação de Jesus. Com efeito, São João anotava, logo ao princípio: “*Jesus subiu ao monte e sentou-se aí com os seus discípulos*” (Jo.6,3)! Decorrido o milagre, insiste ainda o evangelista, com precisão: «*Jesus, sabendo que viriam buscá-lo para o fazerem rei, retirou-se novamente sozinho, para o monte*» (Jo.6,15)! Não se trata aqui de uma mera indicação de espaço ou de tempo. É uma preciosa revelação do segredo, que está origem de tal milagre: a oração.

2. No coração de toda a ação eficaz de Jesus, está afinal a sua oração, a sua relação com o Pai. Daqui se vê que não se pode dar verdadeira atenção ao outro, olhá-lo e amá-lo como irmão, sem uma disponibilidade maior para Deus. Torna-se também claro que não haverá, para a fome, uma solução verdadeira, que se reduza a uma fórmula técnica ou económica, se não atingir o homem, a sua alma e o seu coração. Ora, só na medida em que rezarmos, é que tomamos consciência de sermos filhos de Deus, diante do Pai que está nos céus! Só na pura relação com Deus, é que o nosso coração se poderá transformar, e deixar Deus abrir dentro de nós, um espaço para o outro, dado e recebido como irmão. Vemo-lo hoje, com tal clareza e crueza: “*a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos*” (Bento XVI, CV 19). Numa palavra, só na oração, na relação com Deus, descubro o mesmo Pai e, nessa medida, posso ver no outro o meu irmão!

3. Não por acaso, dizem os Evangelistas, que o Senhor, durante noites inteiras, se retirava, amiúde, "*no monte*" para rezar sozinho. Também nós temos necessidade deste "*monte*": trata-se da altura interior, que devemos escalar, trata-se do monte da oração. Sem a oração, faltar-nos-á aquela “*força que Deus nos dá para lutar e sofrer por amor do bem comum*” (Bento XVI, CV 78). Só deste modo, podemos fazer bem o bem; somente assim podemos anunciar Cristo e o seu Evangelho aos homens. Avisa-nos bem o Papa, na sua encíclica social: “*Sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir… não é capaz de gerir sozinho o próprio progresso. Só a disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa*” (Bento XVI, CV 78). Por isso, o simples ativismo de bem-fazer pode chegar a ser heroico. Mas se não nascer da profunda e íntima comunhão com Cristo, no final de contas, não dará frutos e perderá a sua eficácia!

4. Irmãos e irmãs: estamos em tempo de férias. Encontremos mais tempo para rezar e descansar. Não nos deixemos levar pela pressa, como se o tempo dedicado a Cristo em silenciosa oração fosse tempo perdido. Ao contrário, é precisamente aí que encontraremos aquela força moral e espiritual que nos move para o amor, para uma cuidada preocupação pelo bem dos outros e pelo progresso do mundo e da Igreja. “*O desenvolvimento –* diz o Santo Padre *- tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus, em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que o amor autêntico não é produzido por nós mas é dado*” (CV 79) e multiplicado por Deus.

5. Sede então assíduos, na prática da oração. Nela encontrareis conforto e luz! E até mesmo a força divina, para ganhar, multiplicar e dividir o vosso pão!

**Homilia no XVII Domingo Comum 2006**

1. Eu bem sei que toda a nossa atenção se concentra hoje no “prodígio” da multiplicação. Mas eu gostaria de situar este feito de Jesus, recordando-vos as palavras do Evangelho. São João anotava, logo ao princípio: “*Jesus subiu ao monte e sentou-se aí com os seus discípulos*” (Jo.6,3)! Decorrido o milagre, o mesmo evangelista insiste com precisão: «*Jesus, sabendo que viriam buscá-lo para o fazerem rei, retirou-se novamente sozinho, para o monte*» (Jo.6,15)! Bem vedes que não se trata aqui de uma mera indicação de espaço ou de tempo. É uma preciosa revelação do segredo que está origem de tal milagre. No coração de toda a acção eficaz de Jesus, está a sua oração. Porque nem só de Pão vive o Homem.

2. De facto, os Evangelistas dizem-nos que o Senhor durante noites inteiras se retirava, amiúde, "no monte" para rezar sozinho. Também nós temos necessidade deste "monte": trata-se da altura interior que devemos escalar, trata-se do monte da oração. Só deste modo podemos fazer bem o bem, somente assim podemos anunciar Cristo e o seu Evangelho aos homens. O simples activismo pode chegar a ser heróico. Mas se não nascer da profunda e íntima comunhão com Cristo, no final de contas o nosso agir exterior não dará frutos e perderá a sua eficácia.

O tempo que dedicamos à oração, é verdadeiramente um tempo útil, um tempo de actividade, um serviço aos outros e à comunidade. No seu activismo frenético, o mundo perde com frequência a orientação. O seu agir e as suas capacidades serão destruidores, se definharem as forças da oração, das quais brotam as águas da vida, capazes de fecundar a terra árida e matar a nossa infinita sede de Deus.

3. Não nos deixemos, então, levar pela pressa, como se o tempo dedicado a Cristo em silenciosa oração fosse tempo perdido. Ao contrário, é precisamente aí que se escondem os frutos mais maravilhosos do nosso serviço aos outros e à Igreja. Não vos deixeis tão pouco, desencorajar pelo facto de que a oração exige um esforço, nem pela impressão de que Jesus se cale. Ele age no silêncio. Num mundo em que há demasiado rumor, tanta perturbação, temos a necessidade da oração, também da adoração silenciosa de Jesus, escondido na Eucaristia. Sede assíduos, com os vossos filhos, na prática da oração. Nela encontrareis conforto e luz! E até mesmo a força para ganhar o vosso pão!

(Esta Homilia recolhe excertos da Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal 2006 e do seu Discurso aos Sacerdotes em Varsóvia, cujo sentido e exortação dirigimos a todos os fiéis).

Homilia no XVII Domingo Comum 2003

Mas que é isto, para tanta gente?

1. Chamam-lhe o milagre da multiplicação. E por que não o milagre da divisão? É afinal o milagre do pão, que está na nossa mão, onde quer que se partilhe a fé, de alma e coração. A Palavra que ouvimos confirma com muita clareza, quanto esta fé e esta confiança, estão na base de tão miraculosa operação:

- Há um homem, da povoação de Baal-Salisa que traz a Eliseu «*pão feito com os primeiros frutos da colheita*». Uma oferta que exprime a sua gratidão diante do Senhor e a sua esperança na bênção divina. Eliseu insiste com o Homem, que lhe traz vinte pães de cevada: «*Dá-os a comer a essa gente*». Como quem diz: «*Já que te apresentas diante de Deus, para dar a tua oferta, mostra que confias e te confias inteiramente a Ele. Arrisca tudo. Mesmo que isso te pareça quase nada*». O Homem retrai-se, confessando as suas dificuldades: «*Como posso com isto dar de comer a cem pessoas*». O profeta dá-lhe a chave do segredo: «*porque assim fala o Senhor*». Tem confiança n’Ele. À sua palavra, abre mão do pouco que tens. E o resto virá por acréscimo. Como se viu e se sabe «*ainda sobrou, segundo a mesma palavra do Senhor*».

- No Evangelho, a dificuldade dos discípulos é ainda maior: «*Duzentos denários de pão não chegam para nada*». André, numa réstia de esperança e de confiança, lembra ainda que há uma pequena amostra, na mão aberta de um rapazito. «*Mas o que é isso para tanta gente*»? E Jesus que faz? Contas de multiplicar ou de dividir? Não. Lamúrias, porque o dinheiro não chega para nada? Também não. Jesus dá graças a Deus, feliz e contente. Pronuncia uma bênção, uma oração de invocação, de confiança e de louvor. Dá graças por esse pouco, dado de boa mente, por alguém que dá tudo o que tem. Jesus confia-se ao Pai. Sabe que o Pai sempre O ouve. Conhece-lhe o coração. E sabe bem como no Reino dos Céus as contas de multiplicar se fazem a dividir. E por isso começa a distribuir. E é desta confiança, de quem dá o pouco, mas dá tudo, que brota a abundância multiplicada, no pão e no peixe, partidos e repartidos por todos. «*Comeram quanto quiseram e ficaram saciados*».

2. O milagre do pão é, por isso, um milagre que está na nossa mão. Tenho-o visto, de modo muito claro, nos peditórios e nos ofertórios, a que a nossa vida paroquial, ultimamente nos tem obrigado a prestar maior atenção. Se temos muito, sobra o medo de vir a perder tudo. Se temos pouco, ficamos prisioneiros do medo de ficar sem nada. O grande inimigo da partilha é *o seguro, que morreu de velho* e a quem não faltam outros vícios, como o medo e a desconfiança. O problema da partilha não é portanto uma questão de contabilidade. De ter muito ou de ter pouco. O maior inimigo da partilha não é sequer a crise económica. Mas é sobretudo uma enorme crise de confiança. E de confiança na providência de Deus. Se a primeira mina a vida da bolsa de valores, a segunda destrói os valores na bolsa da vida e do coração de cada um.

3. Sei que não é muito agradável, para quem quer se quer retirar de férias, a pensar um pouco em si e no seu bem-estar, «gramar» agora e outra vez o sermão da partilha. Jesus, ao que parece, não teve melhor sorte, porque quando saía por uma porta, para descansar, logo o espreitavam por outra, para o procurar.

Não podemos fazer contas ou fazer de conta, quando nos batem à porta do coração. Precisamos de ter uma enorme confiança. Precisamos de dar, na certeza absoluta de que o que damos não nos vai fazer falta. E de que se nos faz falta, melhor ainda: Deus providenciará e «*ainda nos há-de sobrar*». É esta fé e esta confiança em Deus que deviam estar na base da nossa partilha. Para darmos sem constrangimento. Pois Deus ama quem dá com alegria (cf. II Cor.9,7).

# Homilia no XVII Domingo Comum B 2000

1. Uma multidão, encantada pelos milagres, segue e persegue Jesus na Galileia. E o Mestre, que ensinara demoradamente, confirma a eficácia da sua Palavra, com a surpresa eficaz do gesto. Ali, onde alguns souberam dividir a sua pobreza, Jesus multiplicou em abundância. O milagre da multiplicação deixa, de facto, toda a multidão saciada. “*Comeram quanto quiseram*”, diz o evangelho! Este milagre era o sinal indicativo de que Jesus é o Alimento que sacia! De que Jesus é o Pão da Vida para o todo o Homem que não vive só de pão. Mas alguns, agora de “*barriga cheia*”, depressa se contentam em alimentar a sua ilusão. A ilusão do fácil! A ilusão da conquista sem esforço, do pão sem suor... pois quem multiplica pães e peixes, bem podia vir a multiplicar tostões em milhões... pensaram outros! Jesus já tinha percebido ser difícil pregar a estômagos vazios. Mas agora vê que é ainda mais difícil pregá-lo a gente de *barriga cheia*, a gente que só quer facilidades, felicidades imediatas, alegrias rápidas, êxitos em saldo... E, por isso, «*sabendo Jesus que vinham buscá-lo para o fazerem rei, retirou-se novamente, sozinho para o monte*». Porque a vida sobe-se a pulso e não é uma planície de facilidades para ninguém!

2. Esta multidão, de quem Jesus dirá “*vós procurais-me, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados*” lembra a nossa sociedade actual. Uma sociedade que compra e vende a ilusão no grande Mercado do Sucesso, onde se multiplicam todas as facilidades! Nos créditos, nos concursos, nas transferências dos jogadores de futebol... nas comunicações, com os telemóveis agora chamados de “terceira geração”… o mundo parece estar nas nossas mãos. E nós navegamos assim numa espécie de felicidade virtual, em que tudo *“é fácil, barato e dá milhões*”... Deixamo-nos atrair rapidamente por um anúncio de publicidade, na mira de sonhos impossíveis. Queremos voar alto, ultrapassar a barreira do som...como se não houvesse limites para o nosso desejo. Dá a impressão que para nada é preciso sacrifício algum. E depois parece ser preciso cair um *Concord* para aterrarmos todos, de repente, na realidade dos nossos limites e meditarmos sobre os escombros das nossas ilusões.

3. A fuga de Jesus para o monte define a sua busca do essencial e a aceitação do árduo e difícil caminho da Vida. Assim Jesus parece corrigir a nossa ilusão pelo efémero, pelo êxito, pelo sucesso fácil, fazendo-nos peregrinar e lutar duramente pelo que realmente vale a pena. Talvez não fosse mau que, por estes dias, pais e filhos, professores e alunos, padres e demais fiéis, meditássemos sobre o grau de exigência que a todos a vida pede, sem querer enganar ninguém com a ideia fácil de que tudo na vida há de ser divertido! Não é de certeza *a lei do menor esforço* o segredo da multiplicação!

### Homilia no XVII Domingo Comum B 1997

Partir. Eis um daqueles verbos quase mágicos, mergulhado entre as ondas deste Verão. Partir para o descanso, para o repouso, para a família, partir para férias. O direito é legítimo, justo e necessário. Mas... é ver Jesus.

Jesus estava a partir para o descanso. Parecia querer ir de férias. Havia uns dias que procurava um lugar isolado. Mas quê. Uma multidão faminta, faminta de tudo, de um sentido para caminhar e de um pão para comer, altera o seu projeto de férias. E, mesmo sabendo bem o que ia fazer, Jesus chama os discípulos à resolução do problema. Nas situações difíceis, o homem pode e deve esperar o milagre de Deus. Pode e deve esperar tudo de Deus. Mas pode e deve dar tudo de si. Não vale dizer, como Filipe, que o dinheiro não chega nem para uma amostra e assim arrumar o assunto sem o resolver; a multiplicação, se é dom de Deus, nem por isso dispensa a divisão, a partilha, por parte do Homem. Por isso, há que confiar no milagre, como André, que lembra o quase nada que vê. Mas há também que dar tudo o que se tem, como aquele rapazito. Só assim Jesus multiplica. O milagre de Deus começa no coração do Homem: num coração aberto para dar do seu nada, necessitado de tudo para receber de Deus. A multiplicação, obra da abundante riqueza de Deus, é também fruto da partilha generosa da pobreza humana.

Depois do milagre, Jesus então partiu. Antes de partir... para um tempo de repouso, de descanso, partiu o pão e deu-o, partiu corações e partiu em pedaços o pedaço de vida que há em cada um... E retirou-se sozinho.

Vamos lá de férias, partir para o descanso, mas só descansados, depois de partir o pão com os outros. Férias são tempo de partir... e de repartir. É esta a maneira de viver a que fomos chamados. Boas Férias.

**Homilia no XVII Domingo Comum B 1994**

Jesus parece querer partir para férias. Há uns dias que anda à procura de descanso e não há meio de o deixarem em paz. Jesus sobe a um monte e aí se senta com os discípulos. Próxima a festa da Páscoa e por isso muita gente a andar por ali, em peregrinação, atrás de milagres. Jesus podia até dar-se ao luxo de uma merecida pausa e esquecer-se dos que atrás d’Ele andavam à procura de algo para comer. Mas não. Jesus sabia bem que isto de pregar a estômagos vazios não dá nada e começa a sua evangelização, procurando matar a fome. «*Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer*»?

Jesus não foge ao problema real, mas quer também implicar os discípulos na sua solução. E diante da fome de toda aquela gente, duas atitudes diferentes se perfilam no evangelho: *Primeiro*, é Filipe que não vendo solução, lá vai pensando que «para o que não há remédio remediado está»: «*Duzentos denários de pão não chegam a nada*». Como quem diz: não há nada a fazer. Eles estão com fome mas a gente não tem volta a dar-lhe... Este entra apenas com a matemática fria dos cifrões e arruma o problema sem o resolver. *Depois*, e bem diferente, aparece André a abrir uma pista de esperança: «*Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes*»... Pela lógica dos números não iremos longe... mas...quem sabe se Jesus tem uma solução. À pobreza do pão ele acrescenta uma dose de fé e confiança...

Mal sabia estar ali o segredo do milagre: mãos vazias mas abertas...

Jesus encontrou o que fazia falta para o milagre: primeiro, alguém capaz de dar o que tinha, ainda que parecesse não ser nada. Segundo, o reconhecimento de que pelas suas humanas mãos e a fazer fé nas suas contas... o problema continuaria sem solução...certo, portanto, de que mesmo dando o que se tem, só Jesus pode saciar a fome! Caminho aberto à ação de Jesus. Todos muito bem sentadinhos. Não era um monte de gente, mas um povo reunido. Tomou, deu graças, partiu e deu. Comeram quanto quiseram...e ainda sobrou...

Neste tempo de calor e de férias, entre muitas, há uma leitura deste evangelho, que se pode afigurar bem atual. Afinal, apesar do nosso legítimo direito às férias, ao descanso, ao gozo, não poderemos nunca escapar ao problema real da fome dos outros e dizer cá para nós como Filipe «*isto não dá para nada*», não há nada a fazer, logo... tudo como dantes...Nada para ninguém!

Há que partir para férias, sim, e procurar o descanso, certamente! Mas sem meter a cabeça na areia, como se o problema não fosse nosso. É preciso abrir as mãos pobres... com o nosso pouco (ou muito) para dar. É preciso abrir as mãos vazias... com o nosso nada para receber do Alto. Resolvido o problema da fome alheia, foi então que Jesus se retirou novamente sozinho.

Partiu o pão antes de partir... Que este retirarmo-nos, sozinhos, em tempo de férias, não seja fugir aos problemas ou negar-se à partilha. Férias são sobretudo tempo para partilhar o que temos, o que somos, o que vivemos...

Ainda que nos pareça não ser nada ou muito pouco o que temos para dar. Dado o sinal real da nossa partilha deixemos para Jesus o milagre das nossas mãos vazias!...E retiremo-nos, então, sozinhos, para o monte da nossa paz... onde o Senhor está perto e sacia a nossa fome!

**Homilia | Celebração do Matrimónio - XVII Domingo B**

**1.** O milagre da multiplicação ou o milagre da divisão? Se houve multiplicação, por parte de Deus, houve igualmente divisão/ partilha, por parte dos Homens. Houve abundância da parte de Deus. Porque houve o reconhecimento da pobreza por parte dos Homens. O Homem é um pobre que tudo precisa de pedir a Deus! É quando cada um de nós sabe que não pode fazer mais nada e se confia Àquele que tudo pode, que o Senhor encontra um coração aberto para realizar o seu milagre de amor. Mas a nossa confiança só é autêntica quando cada um *faz tudo o que pode* e *dá tudo o que tem*. Então sim: Deus vem e atua, multiplicando a nossa miséria em abundância partilhada.

**2.** Também isto projeta sobre a vida matrimonial uma luz nova e de muita esperança. De facto, na vida matrimonial, o amor só se multiplica no dom de cada um. Cada um, sabendo que não é nada sem outro e que os dois nada podem sem Deus, dão-se um ao outro naquilo que cada um é e possui. E, nesta dependência, cada um acolhe do outro o seu nada... Na «partilha» da pobreza de cada um, os dois se enriquecem e veem multiplicado o seu amor. Porque é sempre Deus a fazer nascer, crescer, multiplicar e frutificar o amor, quando cada um dá de si e do seu.

**3.** Caríssimos, N e N: Celebrar o matrimónio é partilhar por inteiro o pão, a vida e o coração. Partilhá-lo entre vós e connosco. É procurar cada um no outro o sentido e a alegria do seu viver. Mas, fazê-lo em Igreja, é também ser um sinal para todos desta «partilha» afetiva e efetiva do amor. No amor que em vós se multiplica, a Igreja reconhece o «sinal» do amor de Deus ao seu Povo, o «grande mistério» do amor de Cristo à Igreja». Um amor que cresce ao dar-se e que se multiplica ao partilhar-se. Tende sempre mãos abertas para dar e mãos vazias para do Alto receber a alegria do amor! E o resto virá por acréscimo!

**Homilia | Celebração do Matrimónio - XVII Domingo B**

O milagre da multiplicação ou também o milagre da divisão? Multiplicação e abundância da parte de Deus. Divisão e partilha, da parte dos homens. Eis o milagre das nossas mãos vazias. Mãos vazias, por dar tudo do seu nada... e mãos vazias por tudo saber do Outro esperar, acolher e receber. Porque quem dá o que tem, dá realmente o infinito. E Deus, como no princípio, do nada tudo pode criar, fazer crescer e multiplicar... também assim, no casamento!

**N. e N.:** Partilhai o Pão! Mas não comais do mesmo bocado! Porque se há uma intimidade que se partilha, há também uma diversidade que se aceita, uma diferença que enriquece, uma distância que atrai.

Dai, por isso, os vossos corações! Partilhai as dores amargas, as doces ilusões, as alegrias eternas e as tristezas de momento, partilhai os vossos corações, a vossa vida em comunhão... selada na ternura de um afeto, na graça de um sorriso, na alegria do mesmo amor, na surpresa do encontro, no encanto de cada hora, no dom da vida de cada um.

Dai os vossos corações, mas não a guardar um ao outro, porque só a mão da Vida os pode conter. Porque o mistério do vosso amor é maior do que vós. Está envolto na sombra divina daquele que Vos chamou. “Nascestes juntos, juntos ficareis para sempre”. Mas que haja espaço na vossa comunhão e que os ventos do Céu dancem no meio de vós”. Que o amor de cada um edifique o outro, dando-lhe espaço para ser o que é e para crescer na sua justa dimensão. Que a presença do outro, não sufoque nunca os movimentos íntimos da alma de cada um, os seus desejos mais profundos... que nem o próprio é capaz de dizer, de alcançar ou compreender. Não façais do amor um empecilho, seja antes um mar vivo entre as praias das vossas almas. Porque amar alguém não é atá-lo ao desejo próprio, nem convertê-lo no sonho dourado dos seus ideais. Mas acolhê-lo, na singularidade do seu rosto, na originalidade da sua alma.

Enchei cada um o copo do outro, mas não bebais por um só copo. Porque o amor bate no coração de cada um. Num coração, onde há um grande vazio a preencher, um quase infinito desejo de felicidade e ilusão que não podemos saciar nunca por nós próprios, senão acolhendo sempre o amor do outro...

E mantende-vos juntos, porque o amor pede companhia, deseja cercania da pessoa amada, a quem se dá o tempo, na monotonia da vida, a atenção delicada no silêncio eloquente das palavras que depois e então já não servirão para nada...

Cantai e dançai juntos, sede alegres, mas permaneça cada um sozinho, como estão sozinhas as cordas do alaúde enquanto nelas vibra a mesma harmonia! Que cada um possa estar só, na escuta dessa intimidade última e divina do seu ser pessoal, para assim descobrir a necessidade do outro, ao longe ainda o sentir próximo, e distante o poder desejar...

**N. e N.:** Nascestes juntos, juntos ficareis para sempre. Ficareis juntos, quando as asas brancas da morte dispersarem os vossos dias. Sim, ficareis juntos, até na silenciosa memória de Deus. Porque Deus, como dizia Gibran, é esse mar que se move entre as praias das vossas almas! Deus é essa Mão da Vida, única a poder conter os vossos corações! E a guardá-los no seu amor!...

Textos em itálico de K. GIBRAN, ***O Profeta***, Ed. A.O., 23-24.